



REVISTA OWL (OWL Journal)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

TEORIA CRÍTICA E FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO: POR UMA EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA A PARTIR DE ADORNO E HORKHEIMER

CRITICAL THEORY AND THE EDUCATION OF PSYCHOLOGISTS: TOWARD AN EMANCIPATORY EDUCATION BASED ON ADORNO AND HORKHEIMER

Thiago Reis dos Santos¹
Gabriel Albuquerque Amorim²

DOI: 10.5281/zenodo.20438608



Resumo: Este artigo investiga as contribuições da Teoria Crítica de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer para a formação do estudante de Psicologia, com foco nos conceitos de Indústria Cultural e Dialética do Esclarecimento. Para tanto, problematizamos como (I) a racionalidade instrumental molda a subjetividade e consolida formas de dominação, analisando o papel da arte como resistência à ideologia dominante e (II) de que maneira a Indústria Cultural, ao transformar a arte em mercadoria, reforça a alienação e esvazia o pensamento crítico. Em resposta, (III) analisamos como o ensaio de Adorno Educação Após Auschwitz propõe uma educação emancipatória que valorize a sensibilidade estética como meio de questionamento e resistência. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, baseando-se em obras de Adorno e Horkheimer, sobretudo a Dialética do Esclarecimento, além de comentadores, para analisar como a formação do psicólogo pode transcender uma abordagem meramente técnica e incorporar uma dimensão ética e crítica, possibilitando a autonomia do sujeito e a ruptura com formas de dominação psicológica e social. Este estudo integra o projeto “Educação estética: a importância da educação estética para a formação de estudantes de psicologia”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG/APQ-01084-23).

Palavras-chave: Teoria Crítica. Indústria Cultural. Educação Emancipatória

1 Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Uberaba (UNIUBE). Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). <http://lattes.cnpq.br/6165793440775239>.
<https://orcid.org/0000-0003-3114-9468>

2 Graduando em Psicologia pela Universidade de Uberaba (UNIUBE). <http://lattes.cnpq.br/0249280678672199>





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Abstract: This article investigates the contributions of Critical Theory, as developed by Theodor W. Adorno and Max Horkheimer, to the education of Psychology students, with a focus on the concepts of the Culture Industry and the Dialectic of Enlightenment. To this end, we problematize how (I) instrumental rationality shapes subjectivity and consolidates forms of domination, analyzing the role of art as resistance to the dominant ideology, and (II) how the Culture Industry, by turning art into a commodity, reinforces alienation and undermines critical thinking. In response, (III) we analyze how Adorno's essay *Education After Auschwitz* proposes an emancipatory education that values aesthetic sensibility as a means of questioning and resistance. This is a bibliographic research study, based on works by Adorno and Horkheimer – particularly *Dialectic of Enlightenment* – as well as secondary sources, to examine how psychology education can transcend a purely technical approach and incorporate an ethical and critical dimension, fostering individual autonomy and breaking with forms of psychological and social domination. This study is part of the project “Aesthetic Education: The Importance of Aesthetic Education for the Training of Psychology Students,” funded by the Minas Gerais Research Support Foundation (FAPEMIG/APQ-01084-23).

Keywords: Critical Theory. Culture Industry. Emancipatory Education

1) INTRODUÇÃO

Na “Dialética do Esclarecimento”, obra que tomamos como ponto de partida, Adorno e Horkheimer, refletem sobre as sombras do processo de esclarecimento, em cuja gênese estava o desejo de libertar o ser humano de suas fragilidades ante as forças da natureza, para que este pudesse se afirmar na posição de senhor. Os autores sugerem que a razão desempenhou um papel crucial nesse avanço, ao se converter em um instrumento capaz de mediar a luta pela sobrevivência. Para tanto, foi necessário operar uma cisão ao deslocar a relação imediata ante a natureza para assumirmos a posição de sujeitos do conhecimento, transformando-a em objeto a ser dominado e controlado. Essa mudança de posicionamento não foi meramente epistemológica, mas uma estratégia de autopreservação. Ademais, como o domínio sobre a natureza não poderia ser exercido plenamente por um único indivíduo, a congregação de esforços coletivos tornou-se essencial, mobilizando forças e técnicas para extrair do mundo natural os elementos que garantiriam segurança e progresso. Para tanto, conjuntamente aos esforços voltados para a natureza externa, seria preciso também o controle da própria natureza humana (a natureza interna), algo necessário para garantir a coesão entre





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

membros de uma comunidade para que o projeto de domínio e autopreservação fosse levado à cabo de modo mais eficiente. Em termos freudianos, a vida em sociedade exige a repressão da natureza pulsional. A civilização, nesse sentido, se edificaria sobre a domesticação dos impulsos primários (agressividade, sexualidade, busca de prazer imediato), que passam a ser sublimados em atividades socialmente aceitáveis ou internalizados como interditos.

Ainda que a premissa subjacente ao processo de esclarecimento estivesse voltada para a construção de meios para a superação das mazelas humanas em busca da consolidação de formas mais seguras de existência, Adorno e Horkheimer questionam, todavia, “por que a humanidade em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie?” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 11). Publicada em 1947, em um contexto marcado pelos horrores da Segunda Guerra Mundial e a ascensão de regimes totalitários, a obra expõe o paradoxo central do projeto de esclarecimento: a promessa de emancipar a humanidade por meio da razão converteu-se em seu avesso. A maquinaria de guerra dos campos de batalha e a burocracia genocida dos campos de extermínio exemplificam a racionalidade instrumental em seu estágio mais avançado e, ao mesmo tempo, mais perverso. Sistemas eficientes de morte, planejados com precisão matemática e executados com frieza administrativa, revelam como o esforço “esclarecido” da coletividade transformou-se em engrenagem de opressão. Para os autores, tal barbárie não foi um acidente da história, mas a materialização lógica de um projeto que, ao subjugar a natureza externa e interna, institui e legitimou a violência como meio e a dominação como fim.

Se a crítica à razão instrumental revela o colapso ético do Esclarecimento, Adorno e Horkheimer propõem uma genealogia dialética dessa falha: retroceder ao mito, onde já se escondia o gérmen da dominação. No mito, primeira forma de mediação entre humanos e natureza, os autores identificam a matriz do projeto de esclarecimento, qual seja, a fixação de conceitos e imagens para explicar e dominar o real. Assim, a ambição de superar a fragilidade humana já pulsava no ritual xamânico, que buscava domesticar o desconhecido através da mimese e da categorização. A própria ideia de objeto sagrado revela, em si, uma estrutura dialética entre essência e aparência – algo que, no esclarecimento, assume feições mais





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

sofisticadas e formais, por meio da relação entre o objeto e o conceito. Os autores exemplificam essa relação a partir do termo “estremecimento mítico”, que seria a ideia de que uma coisa ou criatura na natureza poderia conter uma essência que não a mesma que se apresenta em sua aparência. Essa essência seria o “mana”, uma energia transcendente que ligaria aquele ser a uma dimensão divina, a exemplo do ritual xamânico, no qual o feiticeiro se conecta e exerce seu domínio sobre a natureza por meio da “mimese” (imitação da imagem) e estabelece uma relação de ligação do objeto real para com o objeto sagrado.

Esse modo de operar domínio sobre a realidade, contudo, ganha novos contornos na modernidade. Ao transformar práticas ancestrais como a magia, o animismo e a mimese, a ciência reinscreve a lógica de dominação em moldes pretensamente objetivos. A racionalidade científica, ao reduzir a multiplicidade sensível a números e conceitos, opera uma violência epistêmica que espelha a fixação mítica de essências ocultas, substituindo o “estremecimento mítico” pela fungibilidade universal (Duarte, 2002, p. 22). Nesse processo, o laboratório torna-se o novo templo, onde objetos são intercambiáveis e cobaias simbolizam a paixão moderna por classificação e controle, uma secularização do ritual xamânico agora revestido de neutralidade metodológica:

O critério para determinar se o conhecimento é científico é, na verdade, pragmático ou procedimental. [...] O material que serve de exemplo em qualquer processo de cognição não é conhecido em sua individualidade complexa, mas, em vez disso, como representante de algo mais. A mimese, uma tentativa cognitiva de se assemelhar ao objeto, é progressivamente substituída pela identificação, o esforço do pensamento para subsumir e classificar o objeto. A mimese é então confinada ao domínio da arte, e o pensamento que não se transforma em identificação classificatória é acusado de ser nada mais do que uma ficção. Nada permanece sagrado para que tudo possa ser manipulado, consumido e trocado. Nada deve estar além do pensamento; nada deve estar além do preço. (Jarvis, 1998, p. 27 – tradução nossa)

Em termos epistemológicos, a cisão entre sujeito e objeto funda a dominação da natureza e estrutura a racionalidade instrumental. Ao instaurar uma hierarquia entre conhecedor e conhecido, o esclarecimento converte o real em algo controlável, reduzindo a diferença (multiplicidade sensível) a categorias universais. Adorno e Horkheimer denunciam





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

essa dinâmica ao afirmarem que “a universalidade dos pensamentos [...] eleva-se fundada na dominação do real” (1985, p. 30). O saber científico, ao fetichizar o “método adequado”, torna-se um instrumento dessa dominação. Esvaziada de suas dimensões éticas, a razão opera como máquina de classificação, subjugando a natureza e a subjetividade. Essa lógica culmina na técnica que, longe de ser aplicação neutra do saber, otimiza tanto a produção quanto a destruição. No ápice desse processo, o cálculo instrumental transforma vidas em alvos estatísticos, da racionalização vinculada aos processos materiais de produção à subjugação dos trabalhadores à lógica de sua eficiência. Subordinada à eficiência e à acumulação, a razão técnica naturaliza a exploração da natureza e a opressão social.

2) CULTURA E DOMINAÇÃO

Se, por um lado, a “Dialética do Esclarecimento” denuncia as contradições do projeto civilizatório – em termos econômicos, políticos e epistemológicos –, por outro, Adorno e Horkheimer conferem centralidade à análise da cultura e da dimensão estética. Essa perspectiva é compartilhada por outros pensadores da Escola de Frankfurt, como Walter Benjamin e Herbert Marcuse, que exploram a arte como espaço de tensão entre crítica social e reprodução ideológica. Para esses autores, a cultura não é mero reflexo da dominação, mas um campo de batalha onde se articulam promessas de emancipação e mecanismos de controle.

No “Excurso I” da “Dialética do Esclarecimento”, Adorno e Horkheimer revisitam a narrativa de Ulisses, presente no canto 12 da Odisseia, interpretando-a como uma alegoria crítica da cultura em uma sociedade esclarecida. Ao seguir as instruções da feiticeira Circe, Ulisses ordena que seus marinheiros tapem os ouvidos com cera, enquanto ele, amarrado ao mastro, ouve o canto das sereias. Os filósofos veem nesse episódio não apenas uma metáfora da relação entre prazer e autoconservação, mas um símbolo da dialética entre dominação da natureza, autodominação e hierarquias sociais. O canto das sereias representa, para Ulisses, a tentação de um prazer que ameaça dissolver o “eu” racional, vinculado ao princípio de realidade. Contudo, sua decisão de ouvir o canto sob restrições físicas (amarrado) revela a





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

internalização da dominação: o autodomínio do herói não é libertação, mas uma forma de submissão às estruturas civilizatórias. Enquanto isso, os marinheiros, com ouvidos tampados, encarnam a massa subjugada, alienada do prazer estético e submetida a uma obediência cega – uma alegoria da repressão social necessária para manter a ordem. Adorno e Horkheimer destacam que o triunfo aparente do esclarecimento (controlar a natureza) ocorre à custa da naturalização da dominação. A cera nos ouvidos dos marinheiros e as amarras de Ulisses simbolizam a dupla face da racionalidade instrumental: para dominar a natureza externa (as sereias como forças míticas), é preciso dominar a natureza interna (os impulsos humanos) e legitimar a dominação social (a tripulação como classe oprimida). A arte, aqui metaforicamente representada pelo canto da sereia, torna-se ambígua: seu prazer é simultaneamente uma ameaça à autoconservação e um lembrete da repressão exigida pela civilização. Ao dialogar com Freud, os autores ampliam a crítica: a renúncia ao prazer total (Ulisses resistindo à morte pelas sereias) não é apenas uma vitória individual, mas a consolidação de um sistema que substitui a compulsão natural pela compulsão social. O “eu” civilizado, assim, é produto de uma autocensura que reflete e reproduz as estruturas de poder. A experiência estética, nesse contexto, torna-se um testemunho paradoxal da perda: seduz, mas só é tolerada quando domesticada, assim como a liberdade humana é limitada pelas correntes da razão instrumental.

Desse modo, Ulisses representa a afirmação da identidade e da civilização, enquanto as sereias aparecem como potências míticas regressivas, como ameaças de dissolução ligadas ao domínio da natureza e do destino sobre o ser humano. A vitória do herói que consegue escapar dessas forças regressivas, mesmo sendo fisicamente mais fraco do que elas, é entendida como uma vitória da astúcia da racionalidade que prefigura o esclarecimento (*Aufklärung*) e seu projeto de tornar o homem senhor da natureza. (Sussekind, 2013, p. 85)

A promessa de felicidade, frequentemente vinculada às imagens da beleza, mantém-se inacessível para a maioria na sociedade burguesa, em razão das estruturas de exploração que condicionam sua existência material. Nesse contexto, a cultura emerge como um refúgio





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

espiritual, fornecendo uma ilusão de harmonia frente à aspereza do real. Contudo, sua função é ambivalente: ao mesmo tempo que expressa ideais sublimes – como liberdade, igualdade e fraternidade –, oferecendo ao sujeito moderno a esperança de uma reconciliação simbólica com o mundo, também atua como mecanismo de compensação abstrata. Esta dinâmica opera como uma catarse que atenua as tensões geradas pelo conflito entre as exigências da realidade e as aspirações individuais. Como destaca Marcuse (1997, p. 113), “na cultura da alma foram absorvidas – sob falsas formas – aquelas forças e necessidades que não puderam mais encontrar seu lugar no cotidiano”, evidenciando que a cultura, ainda que capaz de projetar utopias, reproduz, em última instância, as contradições do sistema que a engendra.

Embora, para Marcuse (1997), a arte preservasse historicamente um espaço de liberdade, preservando ao menos uma herança cultural onde o sujeito poderia encontrar certos valores emancipatórios, ainda que apartados das contradições da práxis, as transformações sociais ocorridas no início do século XX integraram a cultura à engrenagem do capital. A cultura, argumentam Adorno e Horkheimer, perderá a sua dimensão ambivalente, tornando-se um puro instrumento de sugestão que reforça a conformidade ao *status quo* e aprofunda a alienação em relação aos processos de produção da vida material. Assim, ainda que a cultura iluminista – ainda que, ao menos formalmente, manifesta na promessa de valores emancipatórios – degradou-se em uma fé cega na razão instrumental, base de uma nova ideologia. Essa ideologia se manifesta por meio de uma forma inédita de dominação fundada na cultura.

2.1) A INDÚSTRIA CULTURAL E O ESQUEMATISMO

A transformação no modo de produção cultural, impulsionada pelas dinâmicas do capitalismo, amplificou o *modus operandi* da ideologia burguesa. Para Adorno & Horkheimer, a Indústria Cultural representa uma forma de dominação dos sujeitos por meio dos produtos culturais. Nesse cenário, a arte perde sua dimensão autônoma (característica de sociedades não massificadas), e passa a ser orientada principalmente por sua rentabilidade. As obras





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

convertem-se em mercadorias culturais, produtos fabricados para o consumo com a finalidade de proporcionar entretenimento, regida por elementos catárticos e de apassivamento. Embora esses elementos estivessem também presentes em formas anteriores da arte, como meio de reconciliação com o real, na era da indústria cultural, a arte se converte em uma ferramenta ideológica central. Apresentando-se como um sistema integrado, ela manipula a experiência estética dos sujeitos, determinando seus gostos e preferências de antemão. Como observam Adorno e Horkheimer,

O mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural. A velha experiência do espectador de cinema, que percebe a rua como um prolongamento do filme que acabou de ver, por que este pretende ele próprio reproduzir rigorosamente o mundo da percepção quotidiana, tornou-se a norma da produção. Quanto maior a perfeição com que suas técnicas duplicam os objetos empíricos, mais fácil se torna hoje obter a ilusão de que o mundo exterior é o prolongamento sem ruptura do mundo que se descobre no filme (1985, p. 104)

O maior poder de controle social da indústria cultural reside em sua capacidade de sugestionar nossos esquematismos. Essa sugestão é a principal ferramenta pela qual a alienação se efetiva, determinando previamente como as mercadorias culturais devem ser recebidas pelo intelecto, moldando cada vez mais nossa percepção. O conceito de esquematismo, originalmente formulado por Kant, é retomado por Max Horkheimer (1990). Para Kant, o esquematismo é a faculdade do juízo que unifica entendimento e sensibilidade (2001, p. 183). A cognição, ativa, contém categorias estabelecidas *a priori*, enquanto a sensibilidade, passiva, é afetada pelos fenômenos, captando suas imagens. O esquematismo permite à cognição transformar os dados da realidade em conceitos inteligíveis, conferindo objetividade às coisas que se apresentam ao “ego transcendental”. Ele descreve o esquematismo como um mecanismo que, embora indispensável para a compreensão da realidade, é vulnerável à manipulação, especialmente no contexto da indústria cultural, que se apropria desse processo para moldar e restringir as experiências estéticas e intelectuais dos indivíduos. Como observa Horkheimer,





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

De acordo com a própria intuição kantiana, as partes principais da dedução e do esquematismo dos conceitos puros do entendimento aqui referidos trazem em si a dificuldade e a obscuridade, as quais podem estar ligadas ao fato de ele representar a atividade supraindividual, inconsciente ao sujeito empírico, apenas na forma idealista de uma consciência em si, de uma instância puramente espiritual. De acordo com a visão teórica geral, possível em sua época, ele considera a realidade não como produto do trabalho social, caótico em seu todo, mas individualmente orientado para objetivos certos. Onde Hegel já vê a astúcia de uma razão objetiva, pelo menos ao nível histórico, Kant vê “uma arte oculta nas profundidades da alma humana, cujo manejo verdadeiro nós dificilmente arrancaremos da natureza, colocando-a a descoberto diante dos olhos”. Em todo o caso, ele compreendeu que, através da discrepância entre fato e teoria que o cientista experimenta em sua ocupação especializada, existe uma unidade profunda, a subjetividade geral de que depende a cognição individual. A atividade social aparece como poder transcendental, i.e., como suprasumo de fatores espirituais. A afirmação de Kant de que a eficácia desta atividade está envolta por uma obscuridade, ou seja, apesar de toda a racionalidade é irracional, não deixa de ter um fundo de verdade. (Horkheimer, 1974, p. 135)

Adorno & Horkheimer reformulam o conceito kantiano ao historicizá-lo, vinculando a percepção ao processo esquematizante determinado pelas forças materiais de produção. No contexto da propaganda nazifascista, os filósofos, no ensaio “Elementos do antissemitismo” (1985), observam como o esquematismo molda a mentalidade antissemita, substituindo o juízo crítico por um sistema de definições pré-moldadas e simplificadas. Nesse sentido, os autores conectam o conceito de esquematismo à projeção freudiana, uma função automática que permite ao sujeito recriar o mundo a partir dos estímulos sensoriais, mas que, em condições de alienação, tende a se tornar irracional e mítica:

A projeção das impressões dos sentidos é um legado de nossa pré-história animal (...). A projeção está automatizada nos homens, assim como outras funções de ataque e proteção, que se tornaram reflexos. É assim que se constitui o seu mundo objetivo, como um produto daquela ‘arte escondida nas profundezas da alma humana’. (...) a imagem perceptiva contém, de fato, conceitos e juízos. Entre o verdadeiro objeto e o dado indubitável dos sentidos, entre o interior e o exterior, abre -se um abismo que o sujeito tem de vencer por sua própria conta e risco. Para refletir a coisa tal como ela é, o sujeito deve devolver-lhe mais do que dela recebe. O sujeito recria o mundo





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

fora dele a partir dos vestígios que o mundo deixa em seus sentidos: a unidade da coisa em suas múltiplas propriedades e estados; e constitui desse modo retroativamente o ego, aprendendo a conferir uma unidade sintética, não apenas às impressões externas, mas também às impressões internas que se separam pouco a pouco daquelas. O ego idêntico é o produto constante mais tardio da projeção. (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 175-176)

A inibição do juízo crítico nas massas, portanto, não se dá apenas pela apropriação do esquematismo individual pelas mercadorias culturais, mas também pelo grau de dissolução do ego na coletividade e pelo aumento da atividade anímica inconsciente. Essa dissolução intensifica a afetividade e reduz o juízo moral individual. Segundo Freud (1921), as características próprias do sujeito desaparecem, junto com a estrutura psíquica elaborada ao longo do tempo, permitindo que o inconsciente comum passe a operar de forma predominante. Isso explica por que indivíduos em massa se tornam acríticos, reagindo apenas a estímulos fortes e discursos simplificados:

A massa é extraordinariamente influenciável e crédula, é acrítica, o improvável não existe para ela. Pensa em imagens que evocam umas às outras associativamente, como no indivíduo em estado de livre devaneio, e que não têm sua coincidência com a realidade medida por uma instância razoável. Os sentimentos da massa são sempre muito simples e muito exaltados. Ela não conhece dúvida nem incerteza (Freud, 2011 [1921], p. 25-6).

A condição alienante das massas se revela na medida em que elas apenas reconhecem discursos simplificados, uma característica dos produtos da indústria cultural. Esses bens não só apresentam em sua forma, mas também em seu conteúdo, elementos estereotipados que perpetuam o consumismo e a reprodução da subjetividade dominante, aquela que atende aos interesses da classe dominante. Assim, as mercadorias culturais não apenas operam segundo os mesmos mecanismos de apropriação do esquematismo individual, mas também geram uma falsa consciência no sujeito. É nesse território de ausência de racionalidade crítica que o indivíduo é sugestionado e alienado de sua condição material e das contradições do próprio processo de esclarecimento, permitindo que a dominação e a barbárie se imponham.

Se, por um lado, a racionalidade instrumental e a padronização cultural esvaziam a subjetividade, por outro, a própria radicalidade dessa dominação aponta para a urgência de





alternativas. Nesse sentido, além de um diagnóstico, o pensamento teórico-crítico de Adorno e Horkheimer pode fornecer elementos para ajuizar sobre a formação e a prática do psicólogo, propondo não apenas uma denúncia, mas um projeto ético-estético capaz de resgatar a autonomia do sujeito. A educação emancipatória e a arte emergem como antídotos, reivindicando uma práxis psicológica que transcenda a adaptação ao *status quo*. A pergunta que se impõe, então, é: como transformar a formação e a prática do psicólogo em um instrumento de resistência, capaz de enfrentar a alienação e o domínio que persiste mesmo em sociedades “esclarecidas”?

3) A TEORIA CRÍTICA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO

A educação, para Adorno, é um campo de tensão entre a reprodução da barbárie e a possibilidade de emancipação. Frente aos mecanismos de sugestão e controle aprimorados pela técnica e disseminados pela indústria cultural, bem como às contradições do progresso que levaram o homem a servir o capital e a enfrentar os horrores dos campos de concentração, Adorno propõe, em seu ensaio “Educação após Auschwitz” (1995), um caminho de emancipação do sujeito por meio de uma formação que se opõe à barbárie. Para ele, o cerne da educação deve ser evitar a repetição de tragédias como o Holocausto:

A exigência de que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. De tal modo, ela precede quaisquer outras, e acredito que não seja possível nem necessário justificá-la. Não consigo entender como até hoje mereceu tão pouca atenção. Justificá-la teria algo de monstruoso, dada toda a monstruosidade ocorrida. Mas a pouca consciência existente em relação a essa exigência e as questões que ela levanta provam que a monstruosidade não calou fundo nas pessoas, sintoma da persistência da possibilidade de que se repita, dependendo do estado de consciência e inconsciência das pessoas. (Adorno, 1995, p. 119).

Adorno direciona suas críticas à uma educação tendencialmente tecnicista, que reduz a razão em instrumento para fins utilitaristas, modelo responsável não apenas pelos campos de





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

concentração, mas também pelos processos de produção que priorizam lucro e dominação em detrimento de uma sociedade justa. Nesse sentido, ele analisa a “semiformação”, na qual, em uma sociedade “esclarecida”, dominada pela técnica, o saber é fragmentado e os conteúdos da realidade tornam-se objetificados, perdendo sua finalidade emancipatória. Como corrobora Gomes, “a dimensão crítica da cultura, que deveria garantir a emancipação, cede lugar à semiformação, em que predomina a racionalidade instrumental voltada para a adaptação e o conformismo à situação vigente.” (2010, p. 292) A semiformação, ademais, não é apenas um problema pedagógico, mas um sintoma da contradição central da sociedade burguesa.

Enquanto a cultura, outrora vinculada a ideais emancipatórios, é cooptada pela lógica mercantil, a educação utilitarista forma indivíduos hábeis em aplicar técnicas e operar máquinas, mas incapazes de questionar os fins de sua prática. A psicologia, inserida nesse cenário, assume uma posição ambígua. Por um lado, seu código de ética exige “o psicólogo atuará com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural” (CFP, 2005, p. 7); por outro, desde a sua origem científica burguesa, tende a individualizar conflitos, convertendo o sujeito em objeto de manipulação. Como destacam Lima e Souza (2014, p. 798), embasados nas reflexões de Adorno, a psicologia formou-se em estreita sintonia com o projeto burguês de modernidade, ajudando a legitimar uma ideia de indivíduo baseada na idealização do íntimo.³ Ao transformar o sujeito em objeto, acabou contribuindo para sua própria fragmentação e para formas de controle que o tornam mais facilmente manipulável. Seu papel oscila entre atenuar as consequências de um sistema explorador – por exemplo, psicologizando o sofrimento gerado pela precarização laboral – e reinserir os indivíduos nesse mesmo sistema, adaptando-os a condições

³ Em conformidade a esse ponto, Mark Fisher, em sua obra *Realismo capitalista*, aponta que “em vez de atribuir aos indivíduos a responsabilidade de lidar com seus problemas psicológicos, aceitando a ampla *privatização do estresse* [...], precisamos perguntar: quando se tornou aceitável uma quantidade tão grande de pessoas, e uma quantidade especialmente grande de jovens, estejam doentes?” (Fisher, 2020, p. 37). Em outras palavras, a privatização dos problemas (tratando-os seja em termos de desequilíbrios químicos ou pela sua trajetória individual-familiar), impede de nos questionar e revelar as contradições inerentes à sociedade capitalista, causa eficiente do sofrimento.





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

desumanizantes. Essa ambiguidade reflete-se na formação do psicólogo, pressionada a equilibrar princípios éticos com demandas de mercado.

O projeto de educação emancipatória de Adorno busca refletir sobre os possíveis caminhos para uma formação crítica que orientasse a formação de uma consciência autorreflexiva no estudante, a fim de enfatizar a necessidade de afirmar um princípio ético que oriente a práxis do profissional. A tese de Adorno (1995; 1999), no que se refere a uma alternativa frente à marcha destruidora do esclarecimento, se concentra em um projeto de educação que conflita com o mito do esclarecimento, tentando desacelerar os desastrosos resultados que a marcha do progresso produziu, qual seja, uma decadência da razão e a aplicação irrestrita da técnica, desvinculada de fins, convertendo-se em processos de destruição e desumanização.

No entanto, essa emancipação deveria se atrelar à uma formação integral (*Bildung*), portanto, para além das dimensões científicas e técnicas, atreladas ao campo da sensibilidade, como um modo de superar a persistência de um mundo preso às categorias presentes. Nesse ínterim, Adorno enxerga na arte de vanguarda aquilo que sempre foi estranho à razão instrumental, mas que, ao se aproximar dela, poderia inventar novas configurações de sentido e elaborar um saber capaz de lidar com o real sem a abstração e a frieza de conceitos absolutos. “[...] a arte como condição dos conceitos se renovarem incessantemente ao experienciar o mundo, pois o conteúdo se revela a partir da realidade imanente que carrega em si mesma, sem estar submetida a nenhum procedimento filosófico instrumentalizado.” (Mass, 2017, p. 64). Outro elemento que impossibilita a arte de se submeter a sistemas totalizantes é seu caráter processual, pois, sendo um fato social, sua mensagem não se restringe à intenção do artista, mas seu fenômeno é subjetivo, situado na percepção da consciência que se dirige à obra. Conforme Mass, “a participação no processo do conhecimento da realidade e de seu contexto por intermédio de um pensamento que tem condições de compreender seu enigma, sua ininteligibilidade.” (Mass, 2017, p. 65)

Na formação de futuros psicológicos, a experiência estética pode romper com esquemas alienantes, resgatando a historicidade e a afetividade obliteradas pela





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

semiformação. A educação estética, nesse sentido, não é mero exercício formal, mas ferramenta política. Por um lado, Adorno (1999) propõe desmascarar a indústria cultural em sala de aula, algo que consistiria em analisar filmes comerciais para revelar seu *schmaltz* (apelo emocional barato), decodificar a propaganda ou desconstruir a música pop, mostrando como exploram necessidades psíquicas. Obviamente, com os avanços e diversificação da indústria cultural, essa educação midiática se torna ainda mais urgente. Abrir os olhos para essa manipulação, como ele diz, nos imuniza contra o engano. Por outro lado, esse processo exige confrontar não apenas conteúdos, mas formas de percepção. A arte de vanguarda, ao negar a harmonia ilusória do real (antifigurativista), estimula a imaginação a vislumbrar o que está além do dado – o não-idêntico. Isso pode se traduzir em propostas educacionais que não busquem “adaptar” o sujeito, mas ampliar seu repertório afetivo e crítico, permitindo-lhe a construção de experiências para além do modelo educativo agenciado pela racionalidade instrumental.

Considerando que a educação estética se insere no campo de uma formação cultural na qual a psicologia também se localiza, podemos derivar das compreensões expostas pelos teóricos críticos, que a formação de uma nova sensibilidade, seria uma alternativa para se opor ao mito do esclarecimento e escapar do controle advindo da indústria cultural. Por meio de uma consciência autorreflexiva, uma formação estética e crítica poderia ampliar as possibilidades reflexivas do psicólogo e abrir caminhos para novas formas de sentir e narrar os afetos, levando em consideração a sugestibilidade da indústria cultural, que se apropria de nossa capacidade de esquematizar a realidade. Ademais, é enfatizar que a incorporação da arte na formação do psicólogo não se reduziria a um mero exercício estético. Ao confrontar o sujeito com o não-idêntico, isto é, àquilo que escapa à lógica instrumental, a arte desafia categorias fixas e estimula uma sensibilidade crítica. Para a psicologia, isso implica reconhecer que a escuta, a análise social e até a intervenção terapêutica podem ser espaços de resistência, onde a experiência estética rompe com esquemas alienantes e resgata a dimensão histórica e sensível do indivíduo.





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

4) CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Theodor Adorno e Max Horkheimer oferece um arcabouço teórico fundamental para repensar a formação do psicólogo em um contexto marcado pela racionalidade instrumental, pela massificação cultural e pela persistência de estruturas de dominação. Seus escritos não apenas denunciam os mecanismos que sustentam a barbárie social, mas sugerem caminhos para uma práxis psicológica comprometida com a emancipação humana. Nesse sentido, acreditamos que a formação do psicólogo deve transcender a mera transmissão de técnicas e abraçar uma postura crítica, ética e estética, capaz de confrontar as contradições do capitalismo tardio e os riscos de repetição de atrocidades históricas. A crítica à racionalidade instrumental, desenvolvida em *Dialética do Esclarecimento*, revela como o projeto de esclarecimento, inicialmente voltado à libertação humana por meio da razão, degenerou em uma lógica de dominação. Ao reduzir o conhecimento a ferramentas de controle, a ciência positivista, que persiste em muitas áreas da ciência como uma sombra na produção do conhecimento, naturaliza a opressão, tratando sujeitos como objetos passíveis de manipulação. A psicologia não está imune a essa dinâmica. Ao converter indivíduos em “casos” ou dados estatísticos, corre-se o risco de reproduzir a mesma violência epistemológica que fragmenta a experiência humana. Assim, a formação do psicólogo deve exigir a rejeição de metodologias reducionistas, privilegiando abordagens que integrem as dimensões históricas, sociais e afetivas dos sujeitos, sem subjugá-los a categorias diagnósticas descontextualizadas.

Esse questionamento do cientificismo desvela-se ainda mais urgente diante da análise da Indústria Cultural, conceito central para compreender como a cultura massificada padroniza desejos e anula o pensamento crítico. A padronização de subjetividades por meio de produtos culturais homogêneos – filmes, música, publicidade – não apenas aliena consciências, mas naturaliza desigualdades ao apresentá-las como inevitáveis. O psicólogo, nesse cenário, deve ser capacitado a identificar esses mecanismos de manipulação, como a estetização da violência ou a romantização do consumo, que permeiam o imaginário social.





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Isso implicaria, a nosso ver, incluir no currículo de formação dos psicólogos discussões interdisciplinares sobre a mídia, a tecnologia e a arte, permitindo que o profissional reconheça, em sua práxis, como narrativas hegemônicas moldam patologias individuais e coletivas.

Contudo, Adorno não se limita à denúncia, já que apontam na arte uma via de resistência. A arte, em sua capacidade de incorporar o “não-idêntico”, emerge como antídoto à barbárie. Na clínica psicológica, essa perspectiva abre espaço para integrar a experiência estética como ferramenta terapêutica e crítica. Ao estimular uma sensibilidade crítica, a formação estética prepara o psicólogo para reconhecer, em sua atuação, nuances que desafiam categorias rígidas, resgatando a complexidade da condição humana. Essa formação, contudo, enfrenta o risco da semiformação. Para tanto, a formação do psicólogo deve vincular teoria e práxis, promovendo debates sobre dilemas éticos, como o uso de técnicas psicológicas em contextos de opressão. A autorreflexão crítica torna-se, assim, um imperativo: o profissional precisa examinar como sua atuação pode reforçar ou subverter estruturas de poder, evitando a cumplicidade com sistemas de dominação.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. “Educação após Auschwitz”. In: *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, T. W.; BECKER, H. “Education for Maturity and Responsibility”. In: *History of the Human Sciences*, v. 12, n. 3, p. 21-34, 1999.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Código de Ética Profissional do Psicólogo*. Brasília, DF: CFP, 2005.

FISHER, M. *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* Trad. Rodrigo Gonsalves, Jorge Adeodato, Maikel da Silveira. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.





REVISTA OWL (OWL Journal)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

FREUD, S. Psicologia das Massas e análise do eu e outros textos. (1921). In: FREUD, S. Freud - *Obras completas*, número 15. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GOMES, L. R. Teoria crítica e educação política em Theodor Adorno. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 10, n. 39, p. 286–296, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639731>. Acesso em: 9 abr. 2025.

JARVIS, Simon. Adorno: *A Critical Introduction*. New York: Routledge, 1998.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Tradução de Manuela Pinto dos Santos & Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

LIMA, V. C. DE .; SOUZA, R. DE T.. Formação humana e competências: o debate nas diretrizes curriculares de psicologia. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 3, p. 792–802, set. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/x4TSNs4KQSFhHzdS7MvgRXc/?lang=pt>. Acesso em: 9 abr. 2025.

MASS, O. P. Arte e sociedade: possibilidade do não-idêntico. Teatro: criação e construção de conhecimento, V. 05, N. 1, 2017, p. 64-73. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/teatro3c/article/download/5700/13944/26917>. Acesso em 09 abr. 2025.

SUSSEKIND, P. As sereias e o sublime. **Artefilosofia**, v. 8, n. 15, 2013, p. 83-94. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/raf/article/view/537>. Acesso em: 09 abr. 2025.

ROMEIRO, A. E.. *Dialética negativa, teoria estética e educação: experiência formativa e racionalidade estética em Theodor W. Adorno*. 2015. 138 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

Recebido em: 02/05/2026

Aprovado em: 15/05/2026

Publicado em: 29/05/2026

